



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA**

Autorizada pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27/04/76

Recredenciamento pelo Decreto nº 17.228 de 25/11/2016

**PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO**

COORDENAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

**PPPG**

## **XXVIII SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEFS SEMANA NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA - 2024**

### **RELAÇÕES ENTRE ESCRAVIZADOS, LIVRES E LIBERTOS DE SANTO ANTÔNIO ALÉM DO CARMO (1728-1734): PERFIL DEMOGRÁFICO DA FREGUESIA**

**Amanda Bernardo dos Santos<sup>1</sup>; Carlos da Silva Jr.<sup>2</sup>**

1. Bolsista PROBIC, Graduando em Licenciatura em História, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail:  
amanda.santosa2014@gmail.com

2. Carlos da Silva Jr., Departamento de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: cfsjunior@uefs.br

**PALAVRAS-CHAVE:** Apadrinhamento; História da Escravidão; História da Bahia

## **INTRODUÇÃO**

Neste trabalho pretende-se analisar o perfil demográfico e as relações de compadrio na freguesia de Santo Antônio Além do Carmo. Freguesia frequentada por libertos, que ali praticavam agricultura, criação de gado e outras atividades, além de ser um centro de cultos afro-brasileiros: o calundu no período colonial e o candomblé no século XIX. O período da pesquisa corresponde ao livro de batismos da freguesia, abrangendo os anos de 1728 a 1734.

A freguesia de Santo Antônio Além do Carmo foi fundada em 1646 pelo bispo D. Pedro da Silva Sampaio e era uma das maiores freguesias de Salvador em extensão, tendo dois distritos, sendo o primeiro urbano e o segundo mais afastado do núcleo da cidade. Uma freguesia não se resumia somente a questões de cunho religiosos, como casamento, batismo ou sepultamento, mas também estava incumbida de outras funções, podendo ser política, econômica, social, cultural ou também em relação à saúde.

Tanto em Santo Antônio, quanto no seu segundo distrito as atividades se desdobram de forma diversificada, assim como a sua população. Havia atividades definidas de acordo com o gênero. A costura era comum para as mulheres e a alfaiataria para os homens. Essa divisão se dava segundo o distrito e o quarteirão. No segundo distrito de Santo Antônio, havia a presença maciça de pessoas de cor, sendo que no 8º quarteirão a presença de brancos era rara e a população se dedicava ao amanho da terra; no 11º quarteirão não havia a presença de brancos, e a atividade principal era a lavoura. Em contrapartida, em Santo Antônio, no 18º quarteirão, era um dos quarteirões mais elitistas da freguesia, tendo 257 habitantes, onde a sua maioria (36%) eram de brancos. A parcela de escravos era composta por crioulos e não por pretos como é comum nas outras freguesias.

## **METODOLOGIA**

Para realização dessa pesquisa foi feito um banco de dados no excel com o levantamento de um livro de batismo no período de 1728 a 1734. Através desse levantamento, alguns padrões puderam ser observados para os referidos anos que nos permite analisar a configuração demográfica da freguesia. Onde destaquei informações como o nome, idade, origem, cor, estado jurídico dos batizados; e também informações sobre os proprietários, pai, mãe (quando aparece) e dados sobre os padrinhos e madrinhas, que dentro do cenário escravista desempenham um papel importante de solidariedade.

Outro ponto fundamental foram as reuniões do grupo de pesquisa do orientador do trabalho. Estas que eram realizadas quinzenalmente e destinavam-se a debater textos acadêmicos do interesse dos participantes do grupo de pesquisa e também aqueles escritos pelos próprios discentes que participavam do grupo. De forma que um debate seria aberto para que todos pudessem fazer suas considerações e principalmente sugestões. Todos os textos tinham como temática principal a escravidão.

A presente pesquisa ainda vai ser expandida posteriormente, visando realizar uma comparação dos resultados obtidos nessa primeira parte. Objetiva-se analisar a demografia da freguesia, alguns padrões de escolha para padrinhos e madrinhas e os principais proprietários de escravos da freguesia.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Em seu estudo sobre o tráfico baiano no Golfo do Benim entre os séculos XVII-XIX, Verger observou as relações tecidas entre os libertos afro-ocidentais na cidade de Salvador e também na margem africana do Atlântico. De acordo com Souza (2015) um dos aspectos mais singulares do tráfico africano para a Bahia é que ele foi controlado pelos negociantes que residiam nesta praça, utilizando o refugo como mercadoria de troca, soma-se a isso a boa aceitação do produto no mercado africano e a quase exclusividade da oferta baiana. Esses fatores fizeram com que os negociantes baianos tivessem uma "condição privilegiada" na Costa da Mina.

Esse cenário pode explicar a maior presença de africanos da nação Mina (92,62%) na freguesia de Santo Antônio Além do Carmo durante o período pesquisado, em comparação com os africanos de Moçambique (0,24%), Angola (0,24%) e Guiné (2,90%). No entanto, a consolidação dessas relações não ocorreu de forma "automática". Uma série de fatores facilitou o estreitamento dos laços entre os negociantes baianos e a

Costa da Mina já nas últimas décadas do século XVII, como "a demanda por mão de obra escrava, a disponibilidade mínima de crédito e o acesso fácil ao tabaco".<sup>5</sup>

Tabela 1. Relação de origem dos escravos batizados (temos que transformar em tabela)

Ano	Mina*	Angola	Moçambique	Guiné
1728	20 (5,1‰)	-	-	-
1729	99 (24,81%)	-	-	-
1730	135 (33,83%)	-	1 (0,2%)	12 (2,9%)
1731	80 (20,05%)	-	-	-
1732	49 (12,29%)	1 (0,2%)	-	-
1733	14 (3,51%)	-	-	-
1734	2 (0,50%)	-	-	-
Total	399 (96,6%)	1 (0,2%)	1 (0,2%)	12 (2,9%)

\* Costa da Mina, Gentio da Mina, Mina.

No que diz respeito ao batismo, era um dos principais mecanismos para a construção das redes de relação entre africanos. Por meio deste sacramento, os libertos criavam laços espirituais, de ajuda mútua e de responsabilidades recíprocas. O apadrinhamento de filhos e cativos fortalecia essa relação o que, por sua vez, era vital para a operação do tráfico transatlântico de africanos escravizados, que exigia confiança entre as partes (os que ficavam em terra firme, no Brasil, e os que embarcavam nos navios negreiros).

Quadro 1. Relação de padrinhos e madrinhas livres, escravos e forros

Ano	Quantidade de padrinhos	Quantidade de padrinhos escravos	Quantidade de padrinhos forros	Quantidade de padrinhos livres
1728	61	20	12	29
1729	201	85	29	87
1730	389	113	55	222
1731	297	96	43	160
1732	243	71	24	148
1733	292	65	14	213
1734	134	21	1	112
Total	1.617	471	178	971

A freguesia de Santo Antônio Além do Carmo apresentou um padrão que chamou atenção: Houve um número maior de mulheres escravas sendo batizadas em todos os sete anos analisados, embora a diferença em relação aos homens não seja tão significativa. Uma possível explicação para esse dado são as atividades domésticas e de rua, uma vez Santo Antônio que não era uma freguesia portuária.

Quadro 2. Quantidade de escravos batizados, por sexo, entre 1728 à 1734

Ano	Quantidade de batismos	Homens cativos	Mulheres cativas	Não identificados	Total de cativos
1728	41	9	11	-	20
1729	187	27	74	1	102
1730	373	85	120	-	205
1731	177	18	62	-	80
1732	147	16	42	-	58
1733	165	27	30	-	57
1734	77	7	16	-	23
Total	1.167	189	335	1	545

Além disso, outros dados obtidos com a documentação revelam também os padrões de apadrinhamento citados por SCHWARTZ E GUDMAN (1988), como o fato de 28 pais e mães (nem sempre aparece o nome do pai) que são forros, em 26 casos os filhos tinham padrinhos e madrinhas livres. Em 2 dos casos, o filho teve padrinho escravo e madrinha livre ou o contrário. Madrinha escrava e padrinho livre.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

De modo geral, a freguesia tem uma grande presença de pardos, pretos, escravos e livres. A aparição de forros é significativa, mas fica atrás das outras duas categorias, assim como os crioulos, mulatos e mestiços. Como especificado, nem sempre a cor é citada na documentação, principalmente no que diz respeito aos batizados e proprietários, mas a ausência da origem ou mesmo estado jurídico de escravo dá para se ter uma breve noção da cor dos moradores desta freguesia.

## REFERÊNCIAS

- MOREIRA, U. A. “Africanos em Caravelas, Bahia: estratégias de batismo e compadrio (1821 - 1823)”. ÁFRICA(S) - Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudos Africanos e Representações da África, v. 2, p. 1, 2015.
- NASCIMENTO, Anna Amélia Vieira. Dez freguesias da cidade do Salvador: aspectos sociais e urbanos do século XIX. Salvador: EDUFBA, 2007.
- SCHWARTZ, S. B. Escravos, Roceiros e Rebeldes. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- SILVA JR., C. F. da. “Interações atlânticas entre Salvador e Porto Novo (Costa da Mina) no século XVIII”. Revista de História, São Paulo, nº 176, p. 01-41, dez. 2017.
- \_\_\_\_\_. A Bahia e a Costa da Mina no alvorecer da Segunda Escravidão (c. 1810-1831). Afro-Ásia, n. 65, p. 91-147, 2022.
- SOUZA, Daniele Santos. Tráfico, escravidão e liberdade na Bahia nos “anos de ouro” do comércio negreiro (c.1680-c.1790). Tese (Doutorado em História Social). Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Salvador, 2018.
- VERGER, P. Fluxo e Refluxo: do tráfico de escravos entre o golfo do Benim e a Bahia de Todos-os-Santos, do século XVII ao XIX. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.